

Sarney

DE SÃO PAULO

O talento do nosso presidente

WILLIAM WAACK

Plechano era um velho marxista irado que ainda teve uns probleminhas com os bolchevistas, antes de morrer, em 1918. Mas deixou para o mundo um livrinho clássico — Sobre o papel da personalidade na História — e teria ficado deliciado se pudesse ver como o Brasil inverteu sua tese.

Ele era suficientemente bem-humorado para examinar em que medida a amante de um general francês tinha influenciado o resultado de uma batalha, por sua vez crucial para as campanhas napoleônicas. E sério na medida correta para formular um pensamento como este: talentos surgem onde e quando existem condições sociais que lhes sejam favoráveis.

Em outras palavras: Napoleão teria morrido como um desconhecido coronel, se o ancien régime tivesse durado mais uns 70 anos. No Brasil, Sarney chegou a presidente.

"O acaso é algo relativo", dizia o velho mestre Plechano, por sua vez parafraseando Hegel (In allem Endlichen ist ein Element des Zufälligen — em todo Final há um elemento do Acaso). O acaso que levou José Ribamar à Presidência, ensina a lição, só surgiu na intersecção de processos necessários (notwendig).

Traduzido no varejo, até o momento as condições reinantes no Brasil parecem ter-se colocado contra o surgimento de qualquer talento histórico. Ou, então, elas produziram exatamente aquilo que o País merece e, nesse caso, adeus otimismo quanto ao futuro.

Pois nada parece mais impressionante no estado de caos gradativo e ausência de vontade política no Brasil que a constatação de que os principais atores (por quanto tempo?) aparentemente perderam a noção de conjunto. Isto vale tanto para o governo, que está sendo muito didático ao transformar expressões como desmoralização e falta de autoridade em elementos palpáveis, como para a oposição, ou oposições.

Já não se trata de criticar o "governo Sarney" por medidas que se podem julgar prejudiciais ou não ao desenvolvimento do País. Há quem diga que o preço histórico que o País pagará pela incompetência administrativa é alto, se bem que o Brasil já superou muitos fatalismos. O problema é que o modo como o Executivo está tratando as últimas greves, especialmente no setor dos bancos

oficiais, mostra de que maneira o governo deixou de existir. Ele não é mais capaz de impor qualquer tipo de decisão, seja política ou, o que é muito mais grave, judicial.

Seria uma questão apenas de se trocar o homem no Palácio do Planalto, não fosse o fato de que inventou-se, no Brasil, a primeira coabitação entre presidencialismo e parlamentarismo. O Congresso dá mostras ainda mais berrantes de perigoso afastamento da realidade e falta de contato com a explosiva realidade social dos grandes centros (dos quais São Paulo exibe, até, surpreendente calma). As discussões no plenário, em Brasília, quando existem, mostram uma angustiante marcha de talentos.

Fora de Brasília e na rua, quer dizer, no avidamente disputado espaço na televisão, os que se acham capazes de tocar esse barco à deriva e têm, segundo as pesquisas, boas chances de pôr a mão nesse timão que ninguém controla até agora, não conseguem comover ninguém. Pelo menos isso deles se esperava, já que exigir plataformas políticas convincentes e planos coerentes de ação é coisa que só os mais ingênuos aguardavam.

Foi a longa maturação de diversos processos que trouxe a sociedade brasileira a este estado de coisas, em que a forte divisão em interesses corporativos, a solidificação de anéis burocráticos num Estado tão onipresente quanto ineficiente, e o egoísmo bruto das elites deram ar de realidade imutável à degradação dos costumes públicos, à corrupção arraigada e à vontade, que todo indivíduo sente, de levar vantagem a curto prazo.

"Eu quero que se dane", para não usar outra expressão mais forte, é provavelmente o verbo mais conjugado nas mais variadas instâncias. Entre empresários e líderes sindicais também. Por que eles sacrificariam seus interesses, se ninguém contribui para nada? Para que pagar impostos, se o governo gasta tudo? Por que eu não, se eles levam?

Nesse sentido, Plechanov se encheria de satisfação ao ver que uma sociedade histórica — a brasileira — acabou dando espaço aos talentos de que precisava. Um presidente indeciso, que se mostrou incapaz de governar. Políticos inábeis e egoístas, atrelados a interesses mesquinhos. Líderes trabalhistas que ainda não encontraram um caminho para fora da crise. Chefes de instituições, como Igreja e Exército, sem visão de conjunto.

Há uma saída, porém. Plechanov teve o cuidado de mostrar que os homens que levaram Napoleão a Imperador eram gráficos, atores, estudantes, pintores, barbeiros ou jardineiros — e só os fatos pós-1789 revelaram seus talentos latentes. Assim como Hitler pintava aquarelas.